



Cartas da guerra

Americano publica "Cartas do Front", livro que reúne correspondência de ex-combatentes de guerra, e cria projeto para preservar a memória dos conflitos

RICARDO BONALUME NETO
DA REPORTAGEM LOCAL

E escrever é algo fundamental em tempos de guerra. Para manter a sanidade ou a própria noção de humanidade, foi o que descobriu o autor Andrew Carroll.

Uma mulher manda uma última carta para um marido que ela sabe que morreu em combate. Um militar em campo de prisioneiros escreve um diário para a mulher, pois não tem como enviar cartas, e nem sabe se ela deu à luz o seu segundo filho. Um kamikaze envia a última mensagem para a mãe. Um sobrevivente deposita uma carta aos companheiros mortos num monumento nacional.

Esses são alguns exemplos das "Cartas do Front", livro organizado por Carroll, agora editado no Brasil. O americano é um dos principais convidados da 13ª Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, que começa no próximo dia 13.

"O objetivo é mostrar a humanidade das pessoas que servem e das suas famílias", afirmou o autor, em entrevista, por telefone, de sua casa em Washington. "A guerra é um concei-

to muito distante e remoto. Nas cartas, você vê os maridos, as mulheres e crianças, você os vê como pessoas", diz. "Essas pessoas surgem como seres humanos, não como estatísticas."

Carroll já tinha feito uma compilação, "War Letters" (cartas de guerra), reunindo a correspondência de veteranos americanos desde a Guerra Civil (1861-1865) até 2001. São cartas que mostram "o melhor da natureza humana, sua compaixão, sua camaradagem", diz ele. Conversando com veteranos, Carroll descobriu que, para entender uma guerra, era preciso ouvir o "outro lado". Foi a inspiração para publicar mais um livro, agora incluindo cartas de alemães, japoneses, britânicos, russos e iraquianos, entre outros.

Ele fundou um projeto para preservar essa memória dos conflitos. Ironicamente, o chamado Projeto Legacy ("legado", que pode ser acessado no site www.warletters.com) surgiu graças à perda da sua própria memória pessoal. Em dezembro de 1989, um incêndio destruiu sua casa em Georgetown. Ninguém saiu ferido, mas o fo-

go fez cinzas de seus livros, fotos e cartas de família. Ele descobriu então que muitos veteranos de guerra jogavam suas cartas fora, por "modéstia"; achavam que nada havia de interessante nelas.

"Vi que estávamos perdendo algo como um país. Há uma história extraordinária nessas cartas", diz. Mas só em 1998 ele agiu. Fez o que milhares de americanos fazem: enviou uma carta para a coluna de jornal mais lida no mundo, "Dear Abby" ("Cara Abby"), publicada em mais de 1.400 diários, com um público estimado em 110 milhões de leitores. É uma coluna que dá conselhos sensatos a perguntas de leitores e é publicada desde 1956.

A coluna publicou a caixa postal de Carroll e o seu pedido de cópias de cartas de veteranos de guerra ou de seus familiares. Três dias depois, o correio ligou avisando para ele retirar a correspondência, que tinha lotado a caixa. Ele pensou em ir de bicicleta para pegar a correspondência. "Melhor vir de carro", disse o funcionário do correio.

Brasileiros

Hoje, quase uma década depois, o Projeto Legacy contabiliza mais de 80 mil cartas em seus arquivos. A edição brasileira inclui cartas de veteranos da Força Expedicionária Brasileira, selecionadas por Arthur Ituassu, que enviou cópias traduzidas para Carroll. "Ele fez um trabalho brilhante com as cartas brasileiras", diz Carroll.

→ CARTAS DO FRONT - RELATOS EMOCIONANTES DA VIDA NA GUERRA

Autor: Andrew Carroll
Tradução: Sérgio Lopes
Editora: Zahar
Quanto: R\$ 49 (440 págs.)
Avaliação: ótimo

→ LEIA MAIS E4



Andrew Carroll, que lança "Cartas do Front", em visita ao Kuait

'Cartas do Front' mostra romance e final feliz

Casal que não se conhecia iniciou relacionamento por cartas trocadas na Segunda Guerra

Organizador Andrew Carroll procurou informar o contexto das cartas e o destino de quem as enviou e dos destinatários

DA REPORTAGEM LOCAL

Algumas das "Cartas do Front" têm final feliz, outras não. O organizador Andrew Carroll procurou sempre que possível informar o contexto da carta, e o destino de quem a enviou e do destinatário.

Por exemplo, o piloto polonês Zbigniew Janicki enviou carta aos pais avisando que tinha um filho, mas morreu antes de apresentá-lo a eles.

Já o capitão fuzileiro naval americano Harry Kipp teve mais sorte. Uma ex-namorada pediu a uma sobrinha, Norma Clinton, para escrever a ele, que lutava contra os japoneses no Pacífico. Receber cartas sempre foi a melhor maneira de aumentar o moral das tropas. A moça escreveu e enviou uma foto na carta, no começo de 1944. Kipp se apaixonou.

"Quando disseste 'se responderes esta carta, te mandarei outra', se referia a outra carta ou outra foto? Tomara que ambas, pois adoraria ver minha tão atraente garota de dois ân-

gulos distintos", respondeu o oficial, iniciando uma troca de correspondência que foi terminar em casamento um ano e meio depois.

Os dois combinaram o casamento antes mesmo de se verem ao vivo e em cores. Só ouviram a voz um do outro em um telefonema depois da guerra, em setembro de 1945. Viram-se pela primeira vez cerca de uma semana depois e se casaram imediatamente. Tiveram dois filhos e ficaram juntos até Kipp morrer de câncer, em 1965.

Tradução

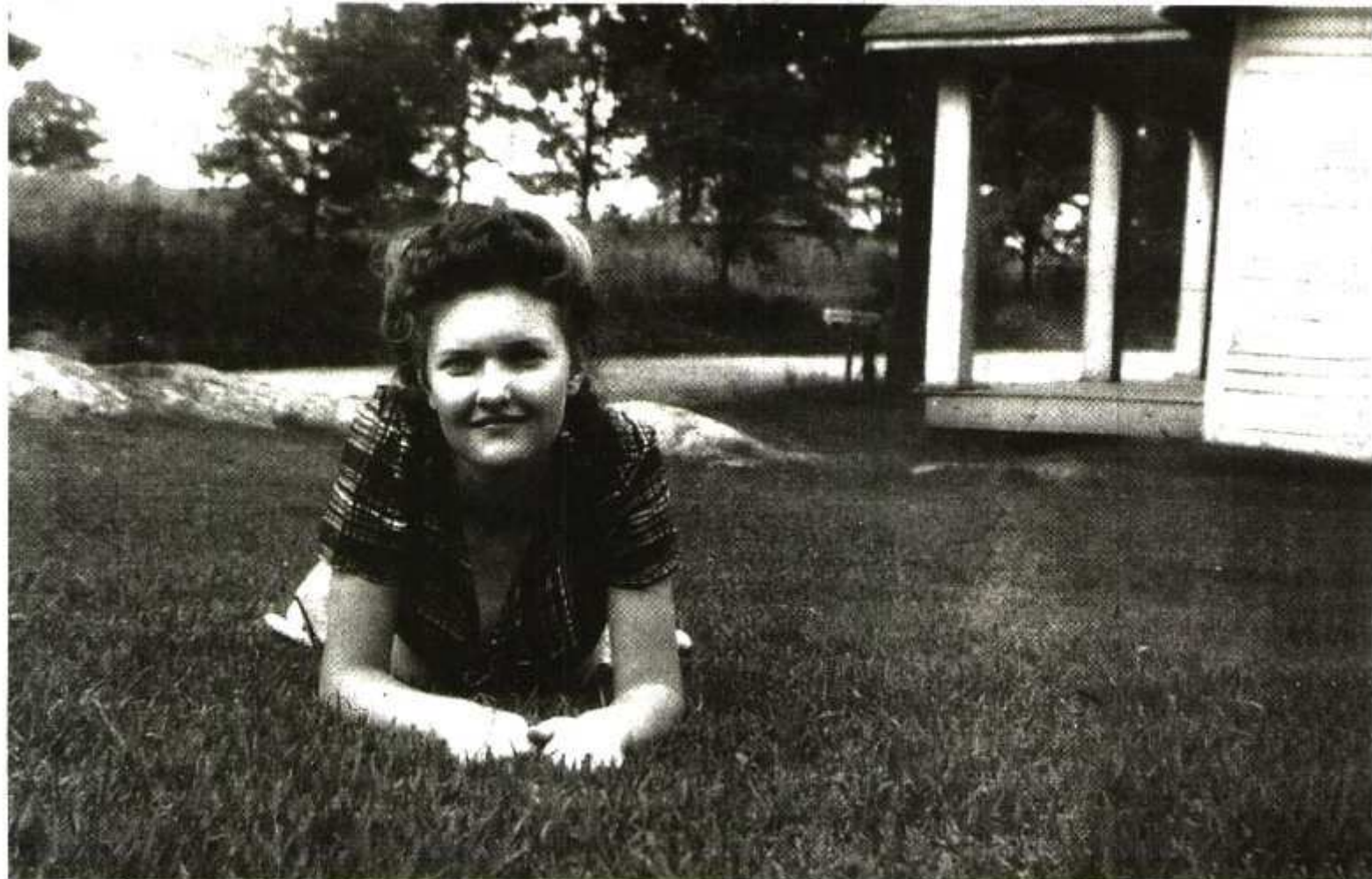
A legenda da foto de Kipp, no entanto, o identifica como sendo da Marinha, um erro comum de tradução que permeia o livro — "marine" é, na verdade, fuzileiro naval. Outro erro abundante é chamar "medic" de "médico", quando o certo é padioleiro — o soldado que resgata e presta o primeiro socorro a feridos. E "barracks" não são barracas, são quartéis.

Há ainda erros de todos os tipos. "Straits settlements" viraram "colônias estreitas" (página 63), em vez de "colônias dos estreitos"; o ditador espanhol Francisco Franco é "Ferdinand Franco" (página 55); a polícia Gestapo da Alemanha nazista virou da "Alemanha Oriental" (página 37). (RBN)



» "DEUS GREGO"

Foto do capitão fuzileiro naval Harry Kipp, feita enquanto estava nos EUA, antes de ir para a guerra; Kipp pediu para um tio enviar esta foto para Norma Clinton, que também se apaixonou por ele e disse que ele parecia "um deus grego"



» AMOR À PRIMEIRA CARTA

Norma Clinton na sua casa na Geórgia (EUA), em 1944, em foto que enviou ao ex-namorado de sua tia, capitão Harry Kipp, que estava servindo na Segunda Guerra no Pacífico; os dois começaram um romance por cartas e se casaram após o fim do conflito